

Primeira rodada na Tractebel

“Somos todos ouvidos”

Esse foi o tom da primeira rodada de negociação do ACT que aconteceu dia 04 de novembro entre a Tractebel e a Intersul. Depois de muitos anos, os representantes da empresa demonstraram disposição em “ouvir com muita atenção” os dirigentes da Intersul e repassar toda pauta numa primeira rodada e todas as cláusulas foram argumentadas exaustivamente.

Mas, do ponto de vista dos resultados, tudo continuou como antes, ou seja, a pratica anterior voltou na íntegra e, ao contrário de que se esperava, as respostas só vieram firmes e inflexíveis para as questões negada. Nas outras se limitaram a dizer que estavam estudando ou mantêm o que já está no atual acordo.

Em relação às questões econômicas a Tractebel informou que aguarda a definição do índice da inflação do período para fazer uma proposta.

Uma questão que chamou a atenção pelo ineditismo, foi a proposta de redução do tempo de Manutenção do Auxílio à Recuperação da Saúde para os aposentados por invalidez,

dos atuais 7 para 5 anos. A questão foi de pronto rechaçada pela Intersul, por representar um retrocesso e a retirada do benefício de quem mais precisa.

Entre as cláusulas negadas destaca-se a veemência da negativa à extensão do Auxílio Creche para os filhos(as) dos empregados. Considerando a expectativa que um significativo número de empregados tem com relação a esta cláusula, a Intersul tratará da questão num próximo boletim.

Espera-se que os diretores (Minuzzo e Julio), o gerente do RH (Euclides) e os assessores (Eduardo e Jonathas) além de serem “todo ouvidos” não façam “ouvidos moucos” ficando surdos às justas reivindicações dos(as) empregados(as).

A próxima rodada acontecerá somente em dezembro. A pesar da Intersul ter insistido para que a próxima reunião fosse o mais rápido possível, devido a agenda dos Diretores da Tractebel a mesma só acontecerá no dia 02/12.



Eles não cansam

“O leilão representa a privatização de usinas já pagas pelo povo. O povo brasileiro pagará duas vezes pela mesma hidrelétrica: uma vez já foi paga até aqui e até o ano 2045 vamos ficar pagando novamente para repassar R\$ 17 bilhões aos banqueiros através de pagamento juros da dívida pública”, afirmou Gilberto Cervinski da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) sobre o leilão de 29 usinas hidrelétricas na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), dia 25 de novembro.

Cervinski também alerta que a medida pode enterrar de vez qualquer tentativa de industrialização no país. “Energia cada vez mais cara causa recessão e gera desemprego. As empresas fecham suas indústrias para vender energia porque gera mais lucro, mas os trabalhadores perdem o emprego”, explicou.

Antes dos três aumentos desse ano, o Brasil já ocupava a 6ª posição no ranking dos países com maiores tarifas de energia elétrica do mundo, de acordo com a lista divulgada em janeiro pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro.

O Ministério de Minas e Energia pretende arrecadar R\$ 17 bilhões com a venda das usinas, que detém 6 mil MW de potência instalada. Comparativamente, o leilão equivale à meia Usina Hidrelétrica Belo Monte – que prevê 11.233 MW de potência instalada e valor de R\$ 30 bilhões previstos na sua construção.

As hidrelétricas foram construídas há mais de 30 anos e pertencem, até o leilão, às companhias estaduais de energia de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e São Paulo – respectivamente Cemig, Copel, Celesc e Cesp.

Todas elas ficaram sem contrato de concessão a partir de 2013, após a recusa dos governadores Antonio Anastasia (PSDB), Beto Richa (PSDB), Raimundo Colombo (PSD) e Geraldo Alckmin (PSDB) à renovação proposta pela MP 579, de autoria da presidenta Dilma Rousseff.

Segundo sexo

Só no ano passado, foram registrados 47.646 estupros no Brasil, segundo dados oficiais das secretarias estaduais da Segurança coletadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Foram contabilizadas, ainda, 5.042 tentativas de estupro. Roraima é o estado com a maior taxa do país: 55,5 casos a cada 100 mil habitantes. Por isso a senadora Ângela Portela, do PT de Roraima avalia que a decisão de proibir a entrega da pílula do dia seguinte para mulheres vítimas de estupro, aprovada pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) da Câmara na última semana, é uma forma de penalizá-las mais uma vez, ao mesmo tempo em que dá impunidade ao agressor.

Greve na Petrobras

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) e os seus sindicatos filiados realizaram nesta segunda-feira (09), a primeira rodada de negociação com a Petrobrás sobre a Pauta pelo Brasil. A empresa ignorou por quatro meses as propostas da categoria, empurrando os petroleiros para o confronto.

Foi preciso uma greve histórica, para que a Petrobrás reconhecesse a Pauta pelo Brasil, cujas reivindicações não são por salários, mas em defesa da soberania nacional e para que a empresa volte a ser a indutora do desenvolvimento do país, preservando empregos, condições seguras de trabalho e a as conquistas sociais do povo brasileiro.

A orientação, portanto, é que a greve iniciada no dia primeiro de novembro prossiga forte em todo o país para que a FUP e os seus sindicatos continuem pressionando a empresa a avançar no processo de negociação.

Lucro líquido ou sórdido?

Segundo matéria publicada na Folha de São Paulo, mesmo com a recessão e baixo desempenho no crédito, o Itaú Unibanco teve lucro líquido de R\$ 5,945 bilhões somente no terceiro trimestre de 2015 (aumento de 10% em relação ao mesmo período de 2014).



Tragédia é maior que mostra a imprensa

No dia 5 de novembro, um acidente decorrente do rompimento de uma barragem de rejeitos de minério de ferro da Samarco invadiu a comunidade de Bento Rodrigues, distrito de Mariana/MG, afetando centenas de pessoas e resultando em centenas de desabrigados, além de feridos e mortos, que estima-se passem dos 30. Moradores são impedidos de acessar as localidades afetadas pela empresa que tem a Vale como uma das donas, com o apoio do Estado, o que aumenta o desespero da população afetada pelo acidente.

Acusada de responsável pela tragédia, a empresa da Vale cuida da cena do crime, exclui imprensa e deixa o povo de fora.

POR LAURA CAPRIGLIONE, ESPECIAL PARA OS JORNALISTAS LIVRES,
COM FOTO DE GUSTAVO FERREIRA, EM MARIANA (MG)

Arrancados de suas casas pelo tsunami gerado pelo rompimento das barragens Fundão e Santarém, repletas de lama tóxica, os moradores de Bento Rodrigues, arraial rural a 35 km do centro de Mariana, sofrem com outro tsunami: o de dúvidas, de mentiras e de dissimulação.

As barragens sinistradas pertencem à mineradora Samarco, fundada em 1977, controlada pela Vale e pela anglo-australiana BHP Billiton. Décima maior exportadora do país, a empresa faturou R\$ 7,6 bilhões em 2014 e apresentou um lucro líquido de R\$ 2,8 bilhões. Apesar dessa contabilidade vistosa e de dizer em seu site na internet que preza pela vida “acima de quaisquer resultados e bens materiais”, os moradores de Bento Rodrigues reclamam que não havia nem mesmo uma simples sirene instalada e funcionando para alertar o lugarejo da ruptura das barragens. Poderia ter salvo vidas.

Agora, no rescaldo da tragédia, os habitantes de Bento Rodrigues suspeitam que a empresa esteja priorizando o salvamento de sua imagem institucional em detrimento das vidas humanas e dos animais, atropelados pelo avanço medonho da lama.

“Por que é que estão nos impedindo de entrar em Bento Rodrigues? A gente poderia ajudar na localização e no resgate dos desaparecidos e dos animais, porque conhecemos como ninguém a região, sabemos lidar com o mato. O que é que eles estão querendo esconder?”, perguntava um grupo de moradores indignados com o fato de serem mantidos à força longe de seu bairro.

No sábado, o prefeito de Mariana, Duarte Júnior (PPS), confirmou que 28 pessoas encontram-se “desaparecidas” após o rompimento das barragens. Dessas, 13 são funcionários da Samarco e trabalhadores de prestadoras de serviço. Outros 15 desaparecidos são moradores de Bento Rodrigues, dos quais cinco são crianças.

(...)

Todas as vias de acesso ao subdistrito de Bento Rodrigues encontram-se fechadas. Só entra e sai quem tem carta de autorização. Dezenas de soldados da PM mineira guardam a estrada prin-

cipal. A estradinha alternativa está intransitável, cenário caótico de argila, rochas, tocos de árvores e restos de vegetação espalhados. Ninguém passa por lá.

“A Samarco é acusada de um crime ambientalíssimo, que pode ter causado dezenas de mortes, e é ela que ainda tem moral para cuidar da cena do crime? Que loucura é essa?”, reclama uma ativista ligada ao Movimento dos Atingidos por Barragens.

“Como é possível que as vítimas sejam mantidas afastadas e o acusado entre e saia à vontade?”, pergunta Ângela, de 57 anos, que nasceu em Bento Rodrigues e agora vive em Catas Altas, vizinho, apontando para lugar nenhum, no vale entupido de lama. “Ali era a casa dos meus pais.” Só ela sabe onde. Mas o que perturba mesmo os sobreviventes e faz aumentar a tensão na entrada de Bento Rodrigues é a movimentação de helicópteros da polícia, subindo e descendo da “zona quente”, como denominam os bombeiros a área central e mais perigosa da catástrofe.

Sem informações, proibidos de ver o que acontece no arraial, os moradores suspeitam que cadáveres humanos estejam sendo recolhidos do local e levados nas aeronaves para local ignorado. Duas testemunhas em Santa Rita Durão, localidade de Mariana que é passagem obrigatória para quem quer chegar a Bento Rodrigues, dizem ter visto viaturas do Instituto Médico Legal passando diante da delegacia em direção ao bairro sinistrado.

Bombeiros civis, convocados para ajudar a impedir o acesso dos moradores ao arraial, confirmam a existência de muitos animais ainda vivos no local... Mas já registram a presença pesada da morte, que se anuncia pelo cheiro adocicado e repulsivo da carne em putrefação.

Eles saem extenuados do local, depois de ajudar a deter uma moradora que, embrenhada no mato, tentava romper o cerco policial para achar a avó, desaparecida desde a quinta-feira. Segundo os bombeiros, a moça estava com o rosto e braços lanhados pela vegetação fechada, e com lama quase até o pescoço, tentando chegar à casa da parente. Mas o local é só desolação.

Rede Vida Viva se espalha pelo interior da Celesc

A Celesc já conta com um grupo inicial de 25 monitores para Rede Vida Viva que estão debatendo e avançando nas discussões sobre Vida, Saúde e Trabalho. Isto está sendo conseguido através de três ferramentas que favorecem este diálogo. Uma é o MAPPING (pesquisa participativa); outro é o RAIIO (recurso audiovisual) e em terceiro lugar a Oficina de Saúde.

Uma parte da ferramenta RAIIO foi aplicada na Sipat da agência regional de Florianópolis que aconteceu no dia 6 de novembro. Agora nos dias 17 e 25 de novembro os monitores da agência regional de Florianópolis vão realizar a implantação do Projeto da Rede Vida Viva formando duas turmas de 20 trabalhadores(as) cada. Nos dias 8 e 9 de dezembro será a vez da Sipat da agência regional de Tubarão.

Em Santa Catarina aconteceu também nos dias 5 e 6 de novembro em Concórdia um encontro estadual.

Todas estas ferramentas propõem criar um espaço para troca de experiências, opiniões, ideias, e sugestões em relação à qualidade de vida, saúde, condições de trabalho. Uma das ações da Rede Vida Viva é realizar encontros Estaduais e Internacionais com o objetivo de fortalecer os laços entre as diversas categorias e a troca de experiências.

Igrejas poderão questionar STF

A pouco mais de um mês do recesso parlamentar, deputados aliados do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), concretizaram a estratégia de agilizar propostas de interesse da bancada evangélica. Semana passada a Comissão Especial aprovou parecer favorável à PEC 99, que autoriza as igrejas a questionarem normativas ou leis do Supremo Tribunal Federal. A proposta dá às igrejas o direito de questionar a Constituição no Supremo. Hoje processos como Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADI) e Ações de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), que questionam a Constituição, são de responsabilidade específica do procurador-geral da República, da OAB, Legislativo, partidos e sindicatos, governadores e presidente da República.



**Ato “Fora Cunha”
sexta-feira, 17 horas no Ticen
Florianópolis**



Os 25 monitores serão os responsáveis pela aplicação do programa na Celesc

A Tríade: Vida, Saúde, Trabalho

Desde muitos anos, milhões de trabalhadores/as comprometem sua saúde e sua vida para atender as demandas do trabalho em nome da produção. Para muitos ir trabalhar é uma odisséia diária, uma rotina amarga. Esse sofrimento profundo faz o trabalhador perder seu equilíbrio emocional e físico e termina por adoecer. Percorrer os locais de trabalho hoje é deparar com este sofrimento, uma angústia. Diariamente passamos por pressões de todos os tipos tais como renovação das concessões, as finanças da empresa que vão mal, problemas com chefias que não possuem o mínimo de compreensão técnica e humanas, péssimas condições de trabalho, falta de segurança, falta de materiais, exposição frequente a situações de extremo desgaste (trânsito, transporte público de má qualidade, etc.). Uma pessoa que acorda pela manhã para ir trabalhar com essas condições, não irá feliz e não conseguirá desempenhar um bom trabalho; dificilmente terá forças para ser pleno e realizar bem a sua função. Suas necessidades como comer, dormir e se divertir, são ações deixadas de lado. Até que em um determinado momento fica impossível sustentar tal situação e esse mal estar explode em forma de doença.

Baseada em três princípios básicos que não se desligam VIDA, SAÚDE, TRABALHO a Rede Vida Viva se propõem a levar os trabalhadores/as a uma reflexão, uma nova abordagem sobre o trabalho, um novo olhar sobre a vida, transmitir um novo ideal sobre a saúde. Fazer o debate com os trabalhadores/as na base, e discutir a relação com o trabalho, a vida e a saúde, combatendo inclusive sua monetarização é buscar mudanças no pensar sobre o TER e o SER, somos bombardeados diariamente pela mídia e outras instituições sociais, que constroem e transmitem um “ideal” de vida (incluindo saúde) somente alcançável individualmente, dificultando, portanto, o pensar em ações coletivas para alterar essa situação.

Fique atento à passagem do programa no seu local de trabalho.



A última fornada

VIRGÍLIO VÁRZEA/1891

Virgílio Várzea foi filho de marinheiro, nascido em 1863 na freguesia de Canasvieiras. Viveu em Desterro até os treze anos, quando foi mandado para a Escola Naval no Rio de Janeiro. Em 1881 retornou a Desterro e, a partir de então, exerceu vários cargos públicos. Ao lado de Cruz e Sousa, editou o livro Tropos e Fantasias e os jornais "Colombo" e "Tribuna Popular", este último engajado na campanha abolicionista. No campo do ativismo político, lideraram, de 1883 a 1887, a "Guerrilha Literária Catarinense", um movimento contra o conservadorismo romântico, que tentou implantar a "Idéia Nova", ou seja, a renovação estética do Realismo-Naturalismo. Em 1892 é eleito Deputado, mas, ao fim do mandato, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até o seu falecimento em 29 de dezembro de 1941.

Naquele dia era uma lufa-lufa no engenho do Rosas. Desde meia tarde que aquela boa gente trabalhadora algazarrava expansiva, na doce alegria bem ganha de uma rude tarefa acabada.

A mandioca daquele ano – abundante que nem erva, Jesus! – dava quinhentos alqueires e estava toda reduzida a farinha, e farinha torrada e clara, parte ensacada e parte empaiolada já, a que era para negócio e a do gasto da casa. À boca da noite, quando o nordeste de junho, mais afiado e cortante, assobiava e gemia na palha do engenho e nas laranjeiras em redor, após o desfalecimento radiante do sol – fora retirada a última fornada, em largas cuias de meio alqueire. E a família da casa, e moças parentas que tinham vindo ajudar a farinhada, peneiravam umas, numa pequena gamela, enquanto outras a conduziam já para o forno, aglomerando-se em roda e distribuindo-a aos punhados que, dispostos em ordem sobre a chapa escaldante, tomavam logo, na sua brancura, a forma achatada e redonda de pequenas luas.

Nessa encantadora e feminil tarefa, a Mariquinhas Rosas, uma das quatro filhas do velho lavrador, a terceira, a mais graciosa delas, pela adorável vivacidade dos olhos negros rasgados, pela alvura alinhada dos dentes são e pelo arrebicado atrevido mas tentador narizinho curto, era a mais empenhada e adestrada de todas na fatura dos beijús, sobretudo nos de folhas, cuja massa é tomada em maior porção e preparada nas mãos, entre duas folhas tenras de bananeira, à semelhança dos bolos de milho grandes.

No engenho, havia até aos mais remotos cantos um largo e confortável calor de estufa, que vinha da boca do forno em brasas, colocado a um ângulo, e de onde irrompia um grande clarão vermelhante, de uma iluminação intensa e rubra de ciclope, ao sair do braseiro, e branda, esmorecedora e suave no teto e para os outros pontos afastados onde a escuridão agonizante tinha, por vezes, audácias indômitas tentando invadir tudo quando o fogo desfalecia nas achas. As varas finas da cumieira, os caibros, o grosso pião

a pino, a roda grande dentada, a de cevar, ou bolandeira forrada de uma chapa de folha, límpida e reluzente como prata, toda eriçada das saliências hostis que devoram as raízes, o cocho grande da lavagem, o da escurredura e a imensa almanjarra em arco, que volteia e movimenta tudo nos pescoço rijo e impulsor dos bois de canga trabalhadores – destacavam-se como o arcabouço estranho e rude, monstruoso de um animal primitivo, àquela luz enternecedora e saudosa, companheira fiel do trabalho honrado e humilde, e que se ia extinguir, daí a instantes, para só reviver um ano depois!

Logo que a primeira série de beijús foi retirada do forno, a Mariquinhas, tendo tudo disposto para entrarem as outras, deixou as alegres companheiras e afastou-se dali, apressada num provocante cadenciado de ancas virgens, porque a mãe a chamara para arrumar o resto da roupa no balaio, enquanto ia, por outro lado, cuidar do trem de cozinha e depois dar uma chegadinha nas Areias, ao José Marcelino, que ficava a cem braços.

Era a um canto do engenho, no mais vasto, onde se acomodava toda a família – um lugar dividido apenas em dois por alguns fragmentos das sebes velhas dos carros e dos paióis, postas ao alto e unidas em cima dos caibros, sendo um lado ocupado pelo velho casal e outros pelas raparigas em comum, filhas, parentas, e moças da vizinhança, toda essa adorável e ingênua gente dos sítios que, à noite, se reúne e dorme pelos engenhos, na quadra das farinhadas.

O cocho grande era o primeiro depósito onde se despejava a farinha já pronta, feito de uma velha e enorme canoa, ficava também desse lado, correndo na direção dos dois quartos, justamente para onde dava a abertura. As últimas fornadas o repletavam já, fazendo no centro um elevado cocoruto de uma brancura de neve, que ia descendo e diminuindo sensivelmente para as extremidades, tal qual um cômodo de areia solta. Desse lado, onde o clarão do forno esmorecia de todo, e sentada na extremidade aberta, numa beirota da madeira, cum uma antiga candeia de quatro bicos ao pé, que mal iluminava o obscuro recanto – estava a rapariga muito

bem a arrumar a roupa, quando, pela porta dos fundos, surgiu de repente o Manuel Rita, o endiabrado e moreno rapaz que era os seus feitiços, e que, acercando-se logo, como um namorado querido, começou a bolir-lhe nas mãos, no queixo, nos cabelos e nos seios, de olhar aceso e vivíssimo, com as suas costumadas graçolas e cócegas. Em seguida, arredando o balaio e caindo junto aos joelhos da rapariga, que o fixava silenciosamente, com uns olhos meigos e húmidos, cheios de um brilho inefável, extasiada e passiva ante as suas másculas e vencedoras carícias, totalmente entregue aos seus braços grossos e viris, que lhe enlaçavam docemente a cintura – prorrompeu a falar-lhe baixinho, com uma grande doçura. E ia apertando-a contra si, estonteando-a e vencendo-a com seu hálito morno, a sua voz terna e súplice, trêmulo, resfolegante, febril. Ela, sem forças para se lhe opor, na sua profunda paixão, murmurava apenas, quase indistintamente:

- Não!... Não!...

E desfalecia sobre o montão de farinha nevada, como entre os lençóis puros de um tálamo ...

Para os lados do forno, reinava ainda a faina feminil dos beijús, numa algazarra alegre e vivaz, cortada às vezes de cristalinas risadas.

De repente, lá fora, no terreiro, uma voz grossa berrou:

- Oh! Manuel Rita, ó diabo! Olha os bois pra canga!

E o rapaz, então assutado e tremendo, deitou a correr, sem ser visto, para a janela da empena, que galgou de um salto.

- Eh lá, Simão! Já lá vou...

E enveredou-se para o pasto, cantando o Querido bem, numa toada sonora e vibrante, cheia de notas álcres de triunfo.

Nesse instante, a tia Ana Rosas chegava. Estivera com as do José Marcelino. Lá ainda se raspava e forneava que era um Deus que nos acuda. Não era por aqueles seis dias que haviam de acabar. De mais a mais, o José Marcelino, coitado, estava com as maleitas...

As raparigas tinham acabado de torrar os beijús, recolhendo-os em montes e arrumando-os num pequeno cesto. O Simão e o pai, fora, defronte a porta grande do engenho, punham a sebe no carro, que

estava já com o cabeçalho suspenso, sobre o muchacho, a canga e os canzís prontos para abrochar os bois.

A velha Ana, com a costumada atividade de mulher magra e trabalhadora, mal entrou da rua, voltou ainda a remexer pelos cantos, do lado do fogão, no caixão do trem, pelos tipitins vazios, pela mesa da prensa, por trás dos cochos, por tudo, à cata de algum objeto esquecido, dando as últimas ordens:

- Andem! andem! Vejam se não esquecem nada. Olhem que já vai ficando tarde...

O velho Rosas, então, gritou "que o carro estava pronto, que não perdessem tempo, embarcassem. Já era também embromação demais! A que horas iam chegar em casa, Santo Deus!"

As moças enfiaram logo para o terreiro, a pequenas carreiras, aos saltos, aguilhoadas pelas palavras sibilantes da velha, que ralhava esganadamente, na precipitação da partida. E quando iam todas subir para o carro, deram por falta da Mariquinhas, que entraram a chamar alto, censurando-a pela tardança:

- Oh! Mariquinhas! Mariquinhas!

E a qualificavam de "moleza, pamonha, tença".

A velha furiosa, entrou a descompor:

- Anda daí, diabo! Olha que eu lá vou e esfrego-te! Ora espera, ora espera...

E já ia para descer, quando a rapariga apareceu, arrastando-se vagorosamente, de olhar no chão e chorando, com o balaio de roupa de baixo do braço. Ainda de preto, por causa do tio Quincas, que morrera há três meses de barriga d'água, trazia impresso pelas costas, desde a cabeça até a orla do vestido, como um véu transparente de tule. E assim, como quem vai para um estranho noivado, subiu para o carro, contrariada, abatida, sob suas vestes ltuosas e nupciais.

Os bois puxaram. O Simão, à frente, a aguilhada aos ombros, soltou uma cantiga melancólica. O carro, as cunhas desapertadas, rolava em silêncio pela estrada branca. E no alto, a noite azulada e límpida, como em geral as noites tropicais de inverno no Brasil, tinha um grande esplendor sideral, inteiramente pespontada de ouro.